

O VALOR DA IMPUREZA

Gustavo Bernardo (UERJ)

BARBIERI, Therezinha. *Ficção impura: prosa brasileira dos anos 70, 80 e 90*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003, 121 p.

Fernand Braudel já disse que a fumaça dos acontecimentos nubla a visão dos contemporâneos, nessa fórmula poética chamando a atenção para a dificuldade de se contar a história quando, ao mesmo tempo, se vive a história.

Indo bem mais para trás, lembraremos que, de acordo com a fórmula ancestral de Aristóteles, o historiador conta o que de fato aconteceu, enquanto que o poeta conta o que poderia ter acontecido. Ora, se somarmos a essa fórmula aquela de Platão, pela qual a linguagem cotidiana já é mimese, isto é, reprodução imperfeita do real, donde se deduz que a poesia é uma mimese segunda, isto é, reprodução duplamente imperfeita do real, teremos que o historiador não pode contar o que de fato aconteceu mas sim, no máximo, se aproximar do acontecimento, enquanto que o poeta consciente e programaticamente se afasta do real.

Se somarmos o resultado de Platão mais Aristóteles com a equação de Braudel, podemos concluir que o estudo da literatura contemporânea pelos contemporâneos só pode gerar três camadas grossas de neblina – a do prosador que se estuda, a do historiador que estuda, e finalmente a do historiador que estuda o seu próprio tempo – e não nenhuma forma de esclarecimento. O livro de Therezinha Barbieri, pelo seu título, já estaria desqualificado por esta conclusão se a autora pretendesse mapear a produção literária contemporânea para melhor classificá-la e enquadrá-la.

Entretanto, perfeitamente consciente dos problemas gerados pelo esforço de falar do presente que se vive, Therezinha não se dedica a apenas esclarecer seus leitores sobre a situação atual da literatura brasileira. Bem ao contrário, a ensaísta se esforça para discutir, como leitora interessada (e completaríamos, interessante), os problemas que afetam os escritores que militaram no Brasil nas três décadas finais do século da incerteza – do século XX.

Os problemas que ela levanta são: a profissionalização do escritor de literatura; o intercâmbio intersemiótico; a comutação história-ficção. A discussão dessas três questões gravita em torno de um termo-chave para a nossa época, a saber, o termo “simulacro”, não por acaso título sintomático de romance de Sérgio Sant’Anna publicado em 1977. A partir daí, Therezinha tentou não explicar a literatura ou o mundo contemporâneos, mas sim, nas suas palavras, “fazer uma sondagem do mundo contemporâneo através da literatura”.

A pretensão, modesta, a coloca em pé de igualdade com o leitor; a realização, no entanto, oferece ao mesmo leitor, segundo palavras do próprio Sérgio Sant’Anna na quarta capa, o desvelamento prazeroso, como se o de um livro da melhor fábrica literária, da contracena da ficção com a história. O comentário do escritor destaca uma das principais qualidades do livro: a maneira fluente com que foi escrito e, conseqüentemente, a maneira fluente com que se o lê. Esse estilo, bem diverso do de um *scholar*, respeita o leitor a ponto de lhe dar todo o espaço para se envolver na discussão ora se empolgando, ora se reservando a dúvida, ora concordando, ora discordando.

Discordaríamos, por exemplo, de se emprestar valor equivalente a autores como Sérgio Sant’Anna e, por exemplo, Fernando Gabeira. Essa nossa restrição, no entanto, é um pouco extemporânea, já que fez parte dos objetivos declarados deste ensaio uma leitura sem preconceitos daqueles trabalhos literários que fizeram alguma *moessa*, digamos assim, no cenário brasileiro.

Nesse caso, teríamos ainda uma discordância um pouco mais profunda, a saber, quanto à relação com o termo-chave, “simulacro”. A discordância afeta não apenas o livro de Therezinha Barbieri como grande parte dos textos de crítica dita pós-moderna, quando se suspeita, como se fosse uma coisa nova, que a realidade ou não existe ou a ela não temos acesso. Desde Guy Debord e seu discípulo apocalíptico, Jean Baudrillard, vivemos num mundo de simulacros, ou seja, alienados do real por conta do espetáculo capitalista das mercadorias.

A nossa questão é: concedendo que o termo “simulacro” seja novo (o que, se tivéssemos mais tempo, poderíamos também pôr em dúvida), não podemos aceitar que o que se aponta o seja. Desde Platão, como já lembramos, vivemos numa caverna de sombras, sombras estas que constituem a linguagem humana. Não temos e nunca tivemos acesso ao real porque não temos e nunca tivemos acesso ao real todo – pois, como lembraria Alain Badiou, a verdade só pode ser não-toda. Ora, da mesma maneira, essa nossa discordância é parcial, porque o ensaio de Therezinha não diz coisa diversa: apenas, reforça o ponto de vista de que essa circunstância, incerta e nebulosa, é contemporânea, ou pós-moderna, quando entendemos que isso não é novo – não somos “mais” modernos por sermos mais confusos, mas antes, continuamos confusos como sempre o fomos.

Quando, então, o argumento nos leva de volta a Braudel para contestá-lo também: se a fumaça dos acontecimentos nubla a visão dos contemporâneos, a distância no tempo e no espaço forçosamente nubla e compromete a perspectiva do historiador. Em outras palavras, transitamos sempre entre neblinas – ou ficções – impuras, como lembra bem o livro de Therezinha Barbieri.